

Concepções sobre adolescentes e jovens nos jornais impressos do Município de Dourados – MS em Brasil (2002-2004)



Elizabeth Velter Borges
Magda Sarat

Resumo

Este artigo é resultado de uma dissertação vinculada ao projeto “Pesquisas em Educação no Brasil e na Argentina: desigualdades sociais, subjetividade, diversidade e fronteiras” através do convênio celebrado entre a Universidade Federal da Grande Dourados e a Universidade de Buenos Aires – UBA. O objetivo foi verificar a concepção de adolescente e jovem (faixa etária de 12 a 21 anos), em dois jornais impressos do município de Dourados/MS Brasil. A metodologia privilegiou pesquisa bibliográfica e documental a partir da análise dos discursos presentes nas manchetes e notícias jornalísticas relacionadas a adolescentes e jovens, dos respectivos jornais. A abordagem teórica fundamentou-se, na perspectiva de Norbert Elias, a fim de discutir o processo de civilização no qual, socialmente, adolescentes e jovens estão imersos. Este estudo permitiu perceber o modo como esses indivíduos são apresentados nas notícias jornalísticas, tendo a finalidade de persuadir o leitor para as manchetes relacionando-as à violência (especialmente com adolescentes e jovens), fato que fortalece o preconceito contra os grupos mais vulneráveis socialmente e contribui para a manutenção do contexto discriminatório no qual estão inseridos. Esperamos contribuir com o debate e a reflexão acerca do lugar social dos adolescentes e jovens.

Palavras-chave

*adolescência
juventude
impressos
discurso*

Resumen

Este artículo es resultado de una tesis de maestría vinculada al proyecto titulado “Investigaciones en Educación en Brasil y en Argentina: desigualdades sociales, subjetividad, diversidad y fronteras” desarrollado en el marco del convenio firmado entre la Universidad Federal de Grande Dourados – UFGD y la Universidad de Buenos Aires – UBA. El objetivo es investigar la concepción de adolescente y de joven (franja etaria de 12 a 21 años), que tienen dos diarios impresos de la ciudad de Dourados/MS Brasil. La metodología privilegió la investigación bibliográfica y documental a partir del análisis de los discursos de los titulares y de las noticias periodísticas acerca de adolescentes y jóvenes publicadas en los diarios estudiados. El aporte teórico se ha fundamentado en la perspectiva de Norbert Elias, con el fin de discutir el proceso civilizatorio en el cual adolescentes y jóvenes están socialmente inmersos. Este estudio nos ha permitido

Palabras clave

*adolescencia
juventud
impressos
discurso*

percibir cómo estos individuos son presentados en las noticias periodísticas investigadas que intentan persuadir al lector con titulares sobre violencia, (especialmente envolviendo a adolescentes y jóvenes), lo que fortalece el prejuicio contra los grupos más socialmente vulnerables y contribuye a la manutención del contexto discriminatorio en el cual están insertados. Esperamos contribuir al debate y a la reflexión acerca del lugar social de los adolescentes y jóvenes.

Abstract

This article is the result of a dissertation that is part of the research carried out in the agreement concluded between the Federal University of Great Golden and the University of Buenos Aires - UBA, entitled "Research in Education in Brazil and Argentina: social inequalities, subjectivity, diversity and borders." "The objective was to verify the design of adolescents and youth (aged 12-21 years), in two newspapers of Dourados / MS Brazil. The methodology focused bibliographic and documentary research from the analysis of discourses present in the headlines and news reports related to adolescents and youth, their newspapers. The theoretical approach was based on the perspective of Norbert Elias, to discuss the process of civilization in which, socially, adolescents and young people are immersed. This study allowed us to perceive how these individuals are presented in news reports, with the purpose of persuading the reader to the headlines relating them to violence (especially with young people), a fact that strengthens the prejudice against the most vulnerable social groups and contributes to the maintenance of discriminatory context in which they are inserted. We hope to contribute to the debate and reflection about the social place of adolescents and young

Key words

adolescence
youth
printed
speech

Introdução

Este trabalho teve como objetivo verificar o modo como o indivíduo de 12 a 21 anos de idade (sujeito do estudo) aparece em dois jornais impressos que circulam no município de Dourados e região: *O Progresso* e *Diário MS*. A coleta de dados realizada nesses jornais referem-se ao período de 2002 a 2004 e compreende uma amostra das fontes pesquisadas, com a finalidade de apresentar quais as nomenclaturas utilizadas por esses periódicos para indicar esses indivíduos, nas manchetes e/ou notícias jornalísticas.

Para caracterizar o indivíduo que se enquadra nessa faixa de idade (12 a 21 anos), tomamos por base o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - Lei n. 8.069 de 1990, o art. 2º, que considera a pessoa até 12 anos incompletos como criança e aquela entre 12 e 18 anos, como adolescente. Nesse documento, explicita que: "aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade". De acordo com o Estatuto da Juventude (2013), a partir dos 18 anos de idade completos os mesmos podem ser considerados jovens.

O estudo foi realizado com um levantamento empírico e a seleção das manchetes, em dois jornais impressos do município de Dourados - *O Progresso* e o *Diário MS* e as análises identificam conceitos, explícitos e implícitos, que a mídia impressa registra nas notícias sobre adolescentes e jovens desta faixa etária (entre 12 e 21 anos). Importante destacar que de acordo com Chartier (2002), as percepções sociais não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar ou a justificar aos próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

As notícias identificadas como unidades de registro foram analisadas nos jornais impressos de Dourados, durante o período de 2002, 2003 e 2004 devido ao curto período de tempo para realização da pesquisa de campo e, dado o volume da documentação encontrada. Assim, optamos por um recorte temporal iniciando a pesquisa de campo no ano de 2002, marco da investigação acadêmica e limitou-se ao ano de 2004 por razões como à quantidade da documentação e, também, pelo fato de que, nesse mesmo ano, o jornal *O Progresso* passou a disponibilizar sua versão digitalizada como fonte de pesquisa.

Quanto aos dados coletados de janeiro de 2002 a dezembro de 2004, considerada a amostragem de análise discursiva nas manchetes e notícias jornalísticas sobre o objeto de estudo recortamos e coletamos 1.758 jornais impressos. Deste volume selecionamos um total de 800 notícias nas categorias e unidades de registro acerca das concepções sobre adolescentes e jovens veiculadas nos referidos periódicos.

Nesse contexto, nos interessava considerar aspectos como: a quantidade de notícias, a localização geográfica da notícia, a seção, o gênero da notícia, o enquadramento e as palavras selecionadas para dar visibilidade ao lugar do jovem e adolescente nas notícias. Tais aspectos foram essenciais para a análise do discurso jornalístico em relação ao objetivo da pesquisa à luz de uma fundamentação teórica centrada na perspectiva dos textos de Norbert Elias (1994; 1993), Elias & Scotson (2000) e autores que trabalham com a temática como Kaplan (2006); Kaplan e Sarat (2014); Kaplan e Orce (2009); Kaplan, Orce e Krotsch (2012); Londono (1996); Passetti (1996); Santos (2009) entre outros.

Tal estudo é resultante, também, de uma parceria em projetos binacionais celebrados entre a Universidade da Grande Dourados – UFGD/Brasil e a Universidade de Buenos Aires – UBA/ Argentina, por meio do qual estão sendo desenvolvidas investigações que buscam compreender a linguagem midiática e a da imprensa, acerca dos processos de escolarização nos dois países em perspectiva histórica e sociológica.

Os Adolescentes e jovens na concepção jurídica e sócia histórica

A abordagem sobre adolescência e juventude, o modo de ser do jovem e as culturas juvenis na concepção jurídica e sócia histórica é um processo considerado mais como decorrente de concepções construídas de infância, adolescência, juventude, adulto e velhice do que propriamente de desenvolvimento biológico da vida humana.

Ao tratar de adolescente e jovem, a literatura aponta que, historicamente, nem sempre existiu a mesma concepção a essa faixa etária. O contexto de idade para crianças e adolescentes, no caso do Brasil, está normatizado pela Lei nº 8.069 de 1990 do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, no art. 2º: “[...] considera-se criança, para efeitos desta lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade”, um constructo histórico e social que se formou ao longo de um processo. Cabe destacar que, anteriormente a essa data, não havia um parâmetro definido de idade em relação a “adolescentes” e “jovens”, tal denominação estava de acordo com o grupo social e cultural a que pertenciam os indivíduos.

No Brasil, atualmente, temos uma legislação que define esse grupo e está inscrita no documento que fundamenta o Projeto de Lei da Câmara nº 98, de 2011 (BRASIL, 2004) e institui o Estatuto da Juventude, sancionada no dia 05 de agosto de 2013. Tal documento considera jovens indivíduos com idade de 15 a 29 anos, e dispõe sobre seus direitos, bem como, normatiza princípios e diretrizes para as políticas públicas de atendimento a essa faixa etária.

Como já mencionado, no processo histórico referente à constituição das 'idades da vida', adolescente e jovem não recebiam a denominação empregada hoje, sendo fruto de uma construção histórica. As "idades da vida" ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventudes e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida conforme (ARIÈS, 1981: 33-34).

No mesmo contexto, verificamos que as chamadas "idades da vida" foram se moldando ao longo dos anos mediante um processo que está sempre em movimento, considerando a cultura de determinado grupo social. As etapas da vida humana são como um ciclo bem determinado, e implicam no reconhecimento de suas especificidades, uma vez que "Atribui-se a Hipócrates, 400 anos antes de Cristo, a classificação de sete idades da vida: o bebê, dos 0 aos 7 anos, a criança, dos 7 aos 14, o adolescente, dos 14 aos 21, o jovem, dos 21 aos 28, o maduro, dos 28 aos 49, o idoso, dos 49 aos 56 e os anciãos, acima dos 56." (DELGADO *apud* KUHLMANN JR e FERNANDES, 2004: 20).

Ainda sobre a constituição da 'periodização da vida' ou das 'idades da vida', a literatura apresenta o lugar em que os indivíduos (adolescentes/jovens) ou grupos etários se constituíram. Uma vez que o conceito de adolescência e juventude, também pode ser considerado como uma construção histórica e social, pois de acordo com Kaplan *et all* (2012: 21-22):

En este punto hay un debate entre los historiadores respecto del surgimiento de dicho fenómeno, ya que parece indicar que emerge de forma brusca, en el momento en que justo aparece el concepto de adolescência, cuando hasta entonces se hablaba más vagamente de 'jóvenes casaderos'. [...] La construcción [...] se instaura como un separador social que permite distinguir la apaja del trigo: por un lado existe la juventude dorada, que transita dócilmente por la pubertad, y, por el otro, están los jóvenes de sectores subalternos que continúan peléandose con navajas y serán calificados como salvajes, vulgares y ramplones.

Sobre essa questão, a autora relata que essa dicotomia também envolve questões socioeconômicas que forjam concepções diferenciadas, à medida que normatiza um modelo social a ser seguido. Assim, conceituar a categoria juventude, para além dos aspectos biológicos e jurídicos, é uma tarefa complexa, pois se trata de um indicador social que se organiza de acordo com os aspectos históricos e culturais em diferentes épocas e contextos sociais.

As representações sobre os jovens podem ser consideradas como parte de uma unidade social, de grupo com interesses comuns em uma cultura juvenil única. (SÁ, 2013). Nesse sentido, a juventude "não deve ser analisada exclusivamente em termos jurídicos e biológicos, pois se caracteriza por símbolos e valores próprios de cada lugar e cultura e segundo os períodos da história". (LARA, 2008: 220). Aspectos como a história e a cultura contribuem para a formação plural dos jovens, indicando suas origens, seus interesses, suas perspectivas, condições, trajetórias, posições culturais, ocupacionais e sociais, que os tornam uma categoria heterogênea.

A sociologia da juventude começou a ser delineada culturalmente como "fase da vida" a partir da segunda metade do século XIX, segundo Pais (1990). Tal período foi sinalizado por mudanças nas relações entre famílias, escola e trabalho, ao mesmo tempo em que se ampliavam as preocupações referentes aos problemas sociais dos jovens, relacionados a uma cultura de adolescentes. "Nos fins dos anos 1960, a juventude firmava-se como um 'problema' ao ser identificada socialmente como ator principal de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais". (PAIS, 1990: 143).

Assim, utilizando um conceito da teoria sociológica de Norbert Elias, poderíamos dizer que o adulto é considerado o 'estabelecido'¹ e o jovem 'outsider';² ou seja, aquele que ainda não se enquadrou nas normas e condutas sociais.

Nesse sentido, 'estabelecidos e *outsiders*' constituem-se como identidades sociais, em que a superioridade social, moral, a autopercepção, o reconhecimento, o pertencimento e a exclusão são elementos da vida social que direciona as relações de poder. Numa sociedade 'adultocêntrica' o adolescente e jovem estão sempre em relação de desvantagem com os adultos se considerarmos as diferentes configurações dos quais ele faz parte. Portanto, há uma construção simbólica do lugar do jovem e do adolescente na sociedade e tal construção está sendo projetada nos grupos sociais dos quais ele faz parte o que poderia ser chamado como "la fabricación de una representación simbólica sobre su futuro" Kaplan (2006: 16) que remonta a valores e comportamentos específicos do grupo social de pertencimento.

Adolescentes e jovens, em sua maioria, são levados a limitar-se a uma construção social que aponta para o futuro ou o seu próprio futuro dentro de padrões esperados e impostos pelo seu grupo, mas que reproduzem o lugar da cultura adulta. Em geral, muitas características se remetem a representação do indivíduo somente pelas suas condições materiais, sem levar em consideração seu caráter, personalidade, índole, comprometimento, responsabilidade pessoal e social.

Assim os modelos para adolescentes e jovens estão fundados nos modelos dos adultos em geral, e em sua vida social é comum que estes desenvolvam aptidões e interesses relacionados às funções adultas, e tias "[...] formas de comportamentos e inclinações que os adultos têm que cercear ou reprimir". (ELIAS, 1994: 105) estão continuamente mediando às suas relações sociais. Assim, é possível considerar que os adolescentes e jovens, vivem uma transição em suas vidas e passam a se sentir inseguros, com dificuldades de compreender as incertezas do processo que estão vivendo, especialmente se considerar o futuro esperado.

Tais mudanças sociais levam as mudanças conceituais e como exemplo o conceito de informalização trabalhado por Cas Wouters e fundamentado na teoria de Elias. Tal conceito de informalização tem mostrado a importância das mudanças nas relações entre pessoas e suas demandas de regulação emocional. Nos processos de informalização "[...] havia uma distância social e psíquica decrescente entre classes sociais, sexos e gerações; uma mistura de códigos e ideais; identificações mútuas em expansão e uma 'emancipação de emoções', considerando que as "[...] tendências inter-relacionadas apontam para uma informalização de comportamentos, para crescentes demandas pela regulação das emoções e para uma integração social e nacional cada vez maior." (WOUTERS, 2012: 548-549).

Neste contexto, adolescentes e jovens são considerados pelos adultos- 'estabelecidos', como uma geração que não preserva mais as tradições, os costumes ou comportamentos do grupo de pertencimento e que possui uma cultura marginal. Os adolescentes e jovens por outro lado percebe a geração anterior como um grupo ultrapassado/antigo, conservador que não respeita sua cultura e à qual essa geração não quer dar continuidade. Instalaram-se os conflitos geracionais que são importantes e necessários para que os dois grupos cresçam e aprendam mutuamente na continuidade dos grupos sociais.

Nesse contexto conflituoso e concreto, dos grupos sociais encontra-se a juventude do município de Dourados/MS, marcada pelas diferentes culturas juvenis, formas de expressão, de vivências e experiências, cuja formação se fez a partir de uma miscigenação de culturas. Formando estes grupos temos migrações e imigrações de diferentes povos caracterizando uma juventude diversificada e no sentido de compreendê-la, apresentamos o contexto do município de Dourados/MS, Brasil bem como, as fontes pesquisadas, jornal *O Progresso* e o *Diário MS*.

6. "Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma 'boa sociedade', mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridades e influências: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros." (ELIAS, 2000: 7)

7. Para Elias (2000: 7), na língua inglesa, o termo que completa a relação é *outsiders*, os não membros da 'boa sociedade', os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos [...].

A região da grande Dourados/MS Brasil e os jornais impressos locais

A região da grande Dourados abarca 37 municípios do território estadual e tem uma população correspondente a 34,24%, com 838.677 habitantes. (IBGE, 2010). Dourados é considerado polo regional e se caracteriza como uma das cidades mais estruturadas do estado, devido à geração de bens, à oferta de serviços e à economia pautada principalmente na agroindústria. É atualmente a segunda maior cidade do Estado de Mato Grosso do Sul, e foi efetivamente oficializado de acordo com o Decreto Estadual nº 30 de 20 de dezembro de 1935. Habitavam nas terras as etnias indígenas Terena, Kaiowá e Guarani que contribuíram na formação do município. É importante destacar que o Estado de Mato Grosso do Sul, abriga a segunda maior população indígena do Brasil, superior a 58.000 indígenas, cerca de 3% do contingente demográfico do estado. (TROQUEZ, 2005).

O Município de Dourados tem grandes áreas rurais de produção agrícola e de pecuária, mas à organização do espaço urbano do município marca de forma significativa a representação do grupo pesquisado. Segundo Gresseler & Swensson (1988, p. 126), “[...] há certa divisão na área urbana quanto ao padrão de conforto das residências, sendo as localizadas ao norte da Avenida Marcelino Pires de nível superior às localizadas ao sul da referida avenida.”, indicando nessa divisão o contexto socioeconômico e cultural que pauta a organização urbana do local. Tal informação delimita a situação e a representação dos bairros: ao Norte, as áreas mais nobres e abastadas; ao Sul, as regiões periféricas. Inclusive em relação à questão imobiliária, as diferenças entre os valores de preço das casas do lado Norte e do Sul.

Nesse contexto, nos inspiramos em Elias para dizer que a organização urbana do município em questão construiu ‘muros sociais e invisíveis’ - os que moram ao Norte “estabelecidos”, por critérios de tradição/posse e antiguidade; os que moram ao Sul, os “outsiders”, são os novatos/desestruturados e pobres, tais aspectos deixam a cidade dividida por estes marcos simbólicos. E é importante, pois tem relação com a frequência com que as reportagens pesquisadas sobre adolescentes e jovens aparecem nos jornais impressos *O Progresso* e *Diário MS* indicando os locais de moradia dos indivíduos e como este fator se relaciona a indícios de marginalidade dos grupos sociais e sua pertença.

Na pesquisa, ao trabalharmos com o jornal impresso, percebemos que tanto os de pequeno, quanto os de grande porte apresentam reivindicações de grupos específicos da sociedade, bem como noticiam fatos relacionados aos acontecimentos diários, em muitos casos, de forma popular ou sensacionalista. Um e outro se vinculam aos anúncios publicitários a fim de obter subsídios para as despesas e lucros.

Em relação aos jornais pesquisados, *O Progresso* e *Diário MS*, Arakaki (2008) aponta que, conquanto se trate de jornais locais de pequeno porte, isso não diminui sua importância para os estudos sociais e históricos, uma vez que “[...] os pequenos jornais expressam reivindicações específicas de determinados grupos sociopolíticos são muito importantes para os estudos históricos” (CAPELATO, 1988 *apud* ARAKAKI, 2008: 104). Os jornais impressos que contribuíram para a imprensa local no município de Dourados têm a mesma história da imprensa de pequeno porte. Os dois periódicos, fontes à nossa pesquisa *Progresso* e *Diário MS* tiveram sua criação em 1951 e 1993, respectivamente.

Os Adolescentes e Jovens presentes nesta investigação

Dentro do recorte temporal adotado em nossa pesquisa, no triênio de 2002, 2003 e 2004, selecionamos nos jornais *O Progresso* e *Diário MS*, notícias que focalizassem o município de Dourados, referentes a indivíduos com idade compreendida entre 12 e 21

anos. Notícias de outros municípios da Região da Grande Dourados ou em nível estadual ou nacional não foram consideradas por questões de logística e de recorte da pesquisa, conquanto tenhamos consciência da importância de tal mapeamento na região.

Optamos por desenvolver uma análise do conteúdo dos textos jornalísticos, como técnica metodológica, que contribuiu para uma compreensão dos tipos de manchetes que compõem o noticiário. Enfocamos reflexões acerca das problematizações que se apresentam no material simbólico (palavras ou expressões) e está ligado aos conteúdos (manchetes publicitárias). Assim percebemos que o relato jornalístico, enquanto discurso de apreensão e expressão de um mundo real, não é um reflexo da realidade, mas uma construção social que tem muitos aspectos envolvidos.

Para a compreensão dos dados foram catalogadas notícias de acordo com um conjunto de características onde aparecem os adolescentes e jovens considerando os seguintes critérios: o volume quantitativo e comparativo das notícias em que aparecem nos impressos pesquisados; a seção em que as notícias estão publicadas; quais as palavras mais utilizadas nas manchetes para designar os indivíduos da pesquisa; o tipo de gênero e o enquadramento dos indivíduos nas notícias.

Pesquisamos um total de 1.758 exemplares de jornais; em 800 exemplares verificamos que as notícias veiculadas faziam abordagens aos indivíduos da pesquisa com idade entre 12 e 21 anos. Desse modo, 45,51% dos jornais pesquisados veiculam manchetes relacionadas a fatos ou notícias sobre adolescente ou jovem.

Observamos que no ano de 2002 o *Diário MS* veiculou 131 notícias com manchetes sobre jovens e adolescentes. No mesmo período, selecionamos 154 dessas notícias, no jornal *O Progresso*. Em relação ao ano de 2003 encontramos, no *Diário MS*, 158 notícias sobre adolescentes e jovens em comparação com 132 delas em *O Progresso*. Em 2004, *O Progresso* apresentou um número maior de manchetes que envolveram adolescentes e jovens: 123 contra 102 notícias do jornal *Diário MS*.

As notícias relacionadas a um grupo específico (no caso, de adolescentes e jovens) estariam situadas, portanto, no campo das representações da realidade social; não seria a realidade propriamente dita, mas fragmentos transformados em notícias, baseados em critérios de noticiabilidade, que seriam “guias”, a fim de que jornalistas transformassem fatos do universo real em “estórias” ou relatos do universo simbólico (TRAQUINA, 2008).

Porém, há autores que divergem desse conceito de noticiabilidade, a exemplo de Moreira (2006), que atribui aos jornais o papel de definir o que é notícia e o que não é, e argumenta que são os proprietários dos jornais que definem o que será publicado de acordo com os objetivos e concepções políticas e econômicas daquele local. Mas, por outro lado, Silva (2005) aponta que tal procedimento delimita demais o entendimento dos fatos, pois entende que os jornalistas também têm liberdade para ao menos “filtrar” os temas que podem ser publicados nos jornais.

Os jornais pesquisados também apontam a compatibilidade acerca do conteúdo de noticiabilidade, uma vez que, na comparação entre os dois jornais, o quantitativo de notícias sobre adolescentes e jovens é semelhante e ao se referir à análise do texto jornalístico.

Em nossa pesquisa consideramos a importância das manchetes, demonstrada pela sua localização no próprio jornal, ou seja, a seção na qual a notícia foi inserida: se na manchete de capa, se nas páginas policiais ou em outra seção do periódico.

As manchetes que aparecem na capa correspondem a 14,88% do total de ocorrências. No jornal *O Progresso* essas manchetes aparecem 79 vezes, correspondendo a uma quantidade

quase que 50% maior do que a do jornal *Diário MS*, em que a ocorrência foi de cerca de 40 vezes. Nas outras seções - Brasil, Política, Caderno B, Caderno 2, Opinião e Esportes, observamos que as manchetes aparecem em 22,75% do total. O que chama a atenção é que na seção policial as manchetes equivalem a 62,38% dos casos, sobressaindo, portanto, em relação às outras seções. Outro aspecto percebido é que, no *Diário MS*, o número de notícias publicadas na seção policial é maior. Consta-se, por esse resultado, que as notícias sobre adolescentes e jovens tratavam-se, majoritariamente, de “casos de polícia”.

No processo da coleta de dados percebemos que as notícias publicadas na seção policial tinham como fonte, em sua maioria, os boletins de ocorrência policial e os registros da Guarda Municipal de Dourados, por dizerem respeito a adolescentes ou jovens, considerados menores de idade.

Outro aspecto observado foi que quando a notícia possui um caráter de tragédia ou “barbárie”, assim considerado pela sociedade, ela é publicada na manchete, em letra de tamanho maior, com destaque na capa, a fim de chamar a atenção do leitor; a notícia completa aparece, entretanto, na seção policial.

Relativamente às seções em que aparecem as notícias e à quantidade delas que envolvem adolescentes e jovens, apresentamos alguns exemplos, a seguir, retirados dos dois jornais em questão.

No jornal *Diário MS* foram localizadas 14 manchetes sobre adolescentes e jovens, publicadas tanto na capa como na seção policial. Tais notícias dão visibilidade à abordagem, anteriormente feita, aqui, sobre o local da noticiabilidade, e como um mesmo assunto aparece em ambos os jornais.

No jornal *O Progresso*, percebemos que as notícias de acontecimentos envolvendo adolescentes e jovens, no mesmo período, aparecem num total de 31 manchetes (o dobro em relação ao *Diário MS*).

A construção desse tipo de notícia aparece, nos jornais, vinculada às classes menos favorecidas e representam as condições sociais, culturais e econômicas das classes populares, para as quais os aspectos da violência desperta a atenção. Tal aspecto promove uma intencionalidade de emoções e cria uma concepção de valores que passa a ser atribuído a classe social menos favorecida. O valor negativo das palavras, as expressões e as manchetes fazem com que a violência passe a ser vista, pela sociedade, como prática das pessoas com renda familiar inferior, criando estereótipos e estigmas.

Quando se trata de uma notícia considerada positiva - um prêmio, um trabalho, um projeto de arte, cultura, saúde, esporte ou até um artigo referente a algo interessante relacionado ao adolescente e jovem, dificilmente aparece nas manchetes. Em relação a manchetes de caráter “positivo”, no *Diário MS* foram localizadas seis manchetes constantes na capa e em outras em seções como esporte, caderno de opinião, caderno de artes.

No jornal *O Progresso* foram identificadas 10 manchetes de capa e de outras seções com notícias consideradas positivas, que não estavam relacionadas à violência com adolescentes e jovens. Nesse contexto, verificamos que os jornais não atribuíram a mesma visibilidade a essas manchetes jornalísticas que podem contribuir para uma concepção de adolescente e jovem em processo de socialização. Porém, quando a manchete possui uma noticiabilidade estigmatizada, relacionada à violência, morte, assassinato, acidente ou situações semelhantes, é mais visível e destacado no jornal.

Tal constatação pode ser percebida nas 31 manchetes de capa e da seção policial veiculadas no jornal *O Progresso*, relacionadas à violência ou conteúdo negativo, contra 10

manchetes de capa ou de outra seção com notícias de caráter “positivo”. No *Diário MS*, foram 14 manchetes negativas de capa, com continuidade da notícia na seção policial; em contrapartida, foram seis as manchetes de capa e outras seções com caráter positivo.

Observamos, ainda, a publicação de notícias que envolviam questões de gêneros, etnias, classe social e publicação de imagens que visavam causar impacto emocional ao leitor, garantindo, desse modo, uma expressiva venda dos exemplares. Isso pode ser percebido nesta manchete, por exemplo: “MS é 13º em assassinatos de jovens: Negros e pardos são as principais vítimas da violência: a maioria das mortes é com arma de fogo” (jun. 2004). Se mostra evidente, nessas chamadas de atenção, o “peso” atribuído às características atribuídas a grupos de pessoas como os “negros” ou “pardos”, afirmando serem estes que mais sofrem violência por assassinatos. Nesse contexto, no jornal eles são caracterizados pela sua origem como a ‘cor da pele’ e etnia, conforme podemos observar, acirrando ainda mais o preconceito e a desigualdade entre os grupos sociais.

Outro aspecto levado em conta na análise dos dados foi a nomenclatura utilizada nas manchetes selecionadas para definir esses grupos de indivíduos: jovens; adolescentes; rapaz; garoto ou garota; menor; adolescente indígena ou índio / índia. Além desses, observamos a presença de termos pejorativos muito específicos da localidade e que estigmatizam os indivíduos como: “caciquinho”; “babacas”; “homicida”; “maníaco”; “ladrão”; “rato”, “sapinho”; “paninho” entre outros. Verificamos que cada repórter atribui, ao adolescente ou ao jovem, nomenclaturas diversas. Além disso, um fator que chamou a atenção refere-se à palavra “indígena”, que aparece em diversas manchetes pesquisadas.

No jornal *Diário MS*, por exemplo, encontramos recorrência da palavra descrita como indígena, índia ou índio para definir os adolescentes e jovens vítimas de barbáries, quase sempre atribuindo um caráter preconceituoso ou discriminatório a esses grupos, ao enfatizar a diferença étnica entre o índio e não índio. Dourados é uma região, conforme já citada, de grande concentração de populações indígenas, que vivem em conflitos com a separação das áreas urbanas e rurais. Com a proximidade entre aldeia e cidade, uma grande parte dos indígenas frequentam as escolas, trabalham no comércio, nas usinas, nas casas de família e em outros espaços; grande parte dessas aldeias situa-se em áreas urbanas de Dourados, o que provoca uma intensa circulação de pessoas entre a Reserva e a cidade.

Desse modo, “marcados, por um lado, pela discriminação dos não-índios e, por outro, por uma convivência intensa com a cidade, esses jovens negociam, o tempo todo, suas identidades.” (ALCÂNTARA, 2007: 73). São aproximadamente 4.000, os jovens indígenas dessa área. Há um alto índice de suicídio que marca as aldeias indígenas, e sobre essa questão existem também muitas notícias, veiculadas pelos jornais, que estigmatizam o grupo: “Índio adolescente é encontrado enforcado” (D. MS. Abr. 2002); “Adolescente indígena é encontrado morto” (D. MS. Jun. 2003); “Índia adolescente é encontrada morta em matagal” (O. P. Jul. 2002); “Adolescente suicida-se na Aldeia Bororó” (O. P. Mar. 2004). Podemos analisar que a mídia faz uso de expressões ou palavras que enfatizam, motivam e sensacionalizam manchetes e, no caso da população indígena, esse modo de divulgar a notícia contribui para maior discriminação desses grupos, considerando que já vivem em situação de conflito e são ‘mal vistos’ pela sociedade local.

Retomando a questão da nomenclatura, o maior quantitativo de palavras selecionadas nas manchetes, está relacionado à palavra “jovem”, que aparece 254 vezes nas manchetes. “Adolescente” aparece 182 vezes, somados os dois jornais pesquisados: *Diário MS* e *O Progresso*. Não podemos deixar de destacar que, em várias notícias aparecem, também, as palavras “menor”, “garoto(a)” ou “indígena” que, somadas, fazem um total de 157 vezes.

A categoria “outros”, refere-se a artigos sobre adolescência ou juventude que englobam os indivíduos na faixa etária pesquisada, como também, relacionados ao nome próprio da pessoa, ou, até mesmo, outros termos específicos daquela cultura ou meio social, como é o caso dos apelidos, alguns de caráter pejorativo, conforme alguns registros como: “Sapinho” escapa outra vez da polícia (D. MS, ago. 2002); “Paninho” briga em comício e acaba preso pela Militar (D. MS, ago. 2002); “Rato de lojas” é perseguido e preso pela PM (D. MS, dez. 2002); “Tarado” é preso dois anos após praticar a violência (O. P., jul.2002).

Relativamente a essa questão, o jornal *Diário MS* apresentou um número maior desses registros do que o jornal *O Progresso*. Tal fato pode ser justificado em razão de o *Diário MS* ser uma organização na qual há maior ‘liberdade jornalística’, de acordo com o que vimos no seu contexto histórico, o que leva a que as pessoas responsáveis pelas notícias tenham a tendência de utilizar uma linguagem mais coloquial e mais popular, mesmo que pejorativa. Já o jornal *O Progresso* possui uma linha editorial mais tradicional e conservadora, no município e região, procura, portanto, evitar a linguagem coloquial e pejorativa, talvez como tentativa de preservar o seu jornalismo, manter sua linha editorial e atender o interesse dos seus leitores.

Outro aspecto que chamou a atenção, embora não seja objeto de análise, é que os(as) adolescentes, jovens, menores, garotos(as) aparecem nas notícias identificados pelo gênero específico, qual seja, masculino ou feminino. Relativamente às notícias pesquisadas nos dois jornais impressos, verificamos que no *Diário MS*, 67,01% referem-se ao gênero masculino, enquanto que 11,76% ao feminino e 21,23% das outras notícias estão relacionadas tanto ao masculino como também ao feminino.

No jornal *O Progresso*, o índice de notícias do gênero masculino também é maior em relação ao feminino e outros, tendo 60,13% de notícias vinculadas ao masculino, 12,75% ao feminino, e 27,12% envolvendo ambos. No total, os dois jornais registraram 481 notícias referentes ao gênero masculino, 102 ao feminino e 217 envolvendo ambos os gêneros. Nesse sentido, Kaplan (2012: 23) menciona que “la figura de la muchacha delincuente prácticamente no aparece”, pois “el sistema judicial persigue a los varones atravesados por su condición marginal”.

Essa condição na qual a sociedade coloca o adolescente ou jovem, quase sempre devido a sua própria situação e contexto, não somente social, mas também econômico, cultural e familiar acaba, muitas vezes, denegrindo a imagem desse indivíduo, passando uma ideia de “anormalidade” ou até mesmo de conformismo em relação à situação vivenciada.

A autora também aponta que esses jovens são “calificados a veces de malhechores, rudos y brutales, en especial cuando son culpables de ejercer la violencia física, lo más frecuente es que a estos muchachos se los defina como ladrones listos, astutos, valientes y decididos” (2012: 23). Tais termos são utilizados para identificar a imagem de indivíduos como pessoas más, que praticam violência, destacando o contexto social em que ele vive. Essas situações criam estereótipos de concepções definidas socialmente.

Na mesma direção, Elias (2000: 24) menciona que atribuir o título de “valor humano inferior” a outro grupo ou pessoas é uma das formas utilizadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como elemento de conservar sua superioridade social. Kaplan (2012: 27) retoma ao contexto sócio histórico para justificar que as condições “[...] en todas las épocas se verifica la dificultad de inserción de los adolescentes y jóvenes en el mundo adulto” e afirma também que “[...] el discurso y la imagen de lo juvenil subalterno como delincuencial tienen raíces profundas en nuestra matriz social” (2012: 28). De algum modo, os jornais impressos contribuem para veicular e reforçar esse discurso.

Podemos constatar que o discurso do sentido comum, por meio dos quais os meios de comunicação - no caso, os jornais impressos pesquisados - criam uma imagem sensacionalista e dão visibilidade à problemática da violência marcando o adolescente e jovem com o estigma de “violento”, “agressor”, “perigoso”, “suspeito”, “delinquente”, através de palavras/termos ou expressões que remetem à intensidade e à gravidade com que os acontecimentos são noticiados.

Outro aspecto enfatizado na análise das manchetes refere-se aos títulos das notícias que apresentam expressões como: morte, tiroteio, manuseio de armas de fogo, assassinatos, roubos, assaltos, execução, espancamentos, estupro, atropelamentos, sequestros, agressões, infração, dentre outros que dimensionam os atos praticados e/ou sofridos por adolescentes e jovens, que favorecem à construção da concepção desses sujeitos como violentos, agressores e vítimas. Dessas notícias, porém, a maior parte prende-se à seção policial.

Observa-se que em ambos os jornais esse jovem e adolescente é o agressor e também vítima. Ressaltamos que das 800 manchetes catalogadas sobre a temática, 499 casos aparecem nas páginas policiais, sendo que desses, 328 são notícias nas quais o adolescente e jovem é vítima da violência. Se nos basearmos somente na análise do texto jornalístico pelo enunciado nas manchetes, sem uma reflexão do contexto social em que a notícia se apresenta, percebemos que a comunicação entre jornal e leitor se torna fragmentada ou estigmatizada, e atribui, ao adolescente e jovem, um caráter de pessoas violentas, perigosas e delinquentes.

Nesse contexto, o adolescente e o jovem se percebido somente com base nas manchetes ou na concepção que se quer formar sobre ele pode ser considerados perigoso e violento e ser estigmatizado como “violento” está relacionada a uma “barrera social o muro simbólico o límite simbólico produto del proceso de estigmatización de los jóvenes que opera como mecanismo regulador [...] admitido por el orden social” (KAPLAN, 2012: 28). Em nossa análise quantitativa os adolescentes/jovens são os temas mais enfocados nas notícias, no período da pesquisa (de 2002 a 2004), são apontados e nomeados como sujeitos que causam/provocam ou sofrem a violência. Em 553 manchetes analisadas, os sujeitos da pesquisa aparecem como agressores/autores, vítimas e agressores, e vítimas.

Nesse sentido, algumas notícias são privilegiadas em detrimento de outras, conforme observado por Zucchetti (2008, p. 07): “[...] o conteúdo das notícias, em geral, é mais descritivo quando o jovem é autor do ato violento”; em situação contrária, quando ele é a vítima, “[...] detalhes do fato como: risco a que foi exposto, procedimentos tomados, são pouco exaltados. A exceção é para os casos em que a jovem vítima pertence à elite da cidade”. Nesse caso, mobiliza-se a opinião pública envolvendo o fato de modo a levar em consideração a situação socioeconômica e política dos grupos para o qual o jornal se destina.

Percebemos que os maiores índices de ocorrências de notícias violentas e negativas estão na região central de Dourados e nos bairros periféricos e quando a ocorrência é em bairros ou regiões de classe média e alta, geralmente referem-se a roubos. Dificilmente aparece nos jornais notícias em que adolescentes ou jovens de classe média/alta sejam autores de atos violentos. Apresentando claramente o estigma de que a violência está presente somente em bairros de classe baixa.

O indivíduo adolescente e jovem de Dourados é percebido na maior parte das notícias publicadas na capa e seção policial dos periódicos, de forma estigmatizada, estereotipada como violento. No entanto, na maioria dessas notícias, esse indivíduo é vítima de uma violência direcionada e marcada por um contexto diverso sem levar em conta seu contexto social, cultural, familiar e econômico. E o movimento entre jovem como

perspectiva de um futuro promissor e/ou como problema caracteriza-se em uma socialização demarcada pela tensão entre o peso do passado das antigas gerações sobre as gerações atuais.

Tal processo de civilização é dinâmico e apontado por Elias (1993), que as civilizações (culturas / contextos sociais) vão se alternando, de geração para geração e, também, conforme cada localidade geográfica, cultural, social e econômica, pois as oscilações entre o adolescente e o jovem como depositário da esperança e de futuro e o adolescente e jovem como símbolo da desordem e da rebeldia em relação à tradição, marcam a juventude como referência. Estas referências se alteram de acordo com os cenários sociais.

Considerações Finais

Neste trabalho pesquisamos a concepção de adolescente e jovem percebida em dois jornais impressos no município de Dourados/MS, o que permitiu abrir novos caminhos na temática proposta. Os resultados apresentados formam um recorte de como são percebidos na mídia jornalística, os indivíduos com idade compreendida entre 12 e 21 anos, que segundo a legislação vigente, são chamados de adolescentes e jovens.

A pesquisa de campo nos permitiu a possibilidade de mapear, ainda que de modo panorâmico, como os jornais tratam a temática e como veiculam a imagem de jovens e adolescentes. Percebemos que em relação ao enquadramento dessas notícias, adolescentes e jovens aparecem em todos os espaços como agressores, vítimas ou agressores-vítimas, e de forma sensacionalista e discriminatória. Em muitos aspectos percebemos uma tentativa de persuadir o leitor para manchetes relacionadas à violência, especialmente ao se tratar de adolescentes e jovens; os que foram expostos, em geral eram os mais vulneráveis socialmente, moradores da periferia da cidade e de contextos mais empobrecidos.

Porém, ao observarmos os números apresentados do quantitativo de notícias e o enquadramento delas dentro das seções jornalísticas, verificamos que, mesmo relacionadas à violência, em grande parte os adolescentes e os jovens são enquadrados como vítimas. Elias (2000) menciona que a própria miséria da sociedade torna miseráveis as pessoas que nela convivem cuja natureza individual não é vista como propriedade essencial. Tal questão também faz parte de pesquisa na Argentina (ADUCCI & SAEZ, 2012). Sobre a temática Kaplan (2012) aponta que as desigualdades existentes nas sociedades capitalistas são excludentes e desumanas, pois suas condições materiais e simbólicas caracterizam a sua própria condição social, contribuindo, assim, para uma desigualdade social, geracional e cultural.

A pesquisa nos mostrou uma associação da ideia do jovem/adolescente como um problema social, relacionado à localização geográfica onde eles residem, ou seja, o bairro ou a localidade em que essas pessoas vivem são percebidos como espaços violentos por pertencerem às áreas territoriais de maior desigualdade social com alto contingente de classes populares. Assim, os impressos demonstraram o envolvimento de adolescentes e jovens que aparecem nas páginas dos jornais junto a notícias relacionadas com drogas, roubo, assalto, agressão, brigas, manifestações, bebidas entre outras. Em geral, as notícias vinculam a imagem desses indivíduos ao estigma da rebeldia e apresentam a adolescência e a juventude como período de contestação em que eles são vistos como perigosos.

Assuntos relacionados à educação, saúde, emprego, arte, cultura, dentre outros são vistos como problemas que os adolescentes e jovens criam para as autoridades, ou

seja, demandam ações governamentais e acionam a responsabilidade do poder público para com esse segmento social. Por outro lado, quando há iniciativas próprias de grupos ou segmentos, ação política e governamental, contribuições à economia, cultura, educação, vida social, nas quais os adolescentes e jovens têm maior interesse e estão envolvidos não tem destaque, nos jornais, e aparecem em notas pequenas, ou em seções de pouca visibilidade. Percebemos que nas poucas ou raras vezes em que a manchete apresentava notícias desse teor, a finalidade era enaltecer a ação de quem promoveu e provocou tal notícia; raramente a participação dos adolescentes e jovens envolvidos ou seus interesses são destacados.

Desse modo, ao se perpetuar a ideia de que os jovens e adolescentes são protagonistas de situações-problema, sem reconhecer a exclusão ou a marginalização que caracterizam a causa deles, corre-se o risco de acentuar as desigualdades sociais desses grupos.

Finalmente chama a atenção a discrepância percebida em relação ao percentual de notícias positivas e negativas apresentadas nos resultados da pesquisa. Ainda que haja conhecimento em relação às leis e políticas de inclusão desses grupos, persiste a questão: estamos preparados para atuar com esse adolescente e jovem, uma vez que o jornal tem feito um trabalho de formação de concepção que pouco contribui para mudar a percepção das pessoas? Percebemos uma contradição estabelecida pela sociedade e expressa nas notícias selecionadas e analisadas: ao mesmo tempo em que as manchetes revelam uma concepção de adolescente e de jovem como vítimas, elas também os apresentam como agressores, demonstrando a falta de informação e os paradoxos nos quais estamos imersos quando discutimos um tema tão atual, que demanda pesquisa e é parte das discussões não somente no Brasil como em toda a América Latina.

Bibliografía

- » Adduci, N., Saez, V. (2014). Tensões intergeracionais nas propostas midiáticas sobre violência nas escolas: reflexões na Argentina e no Brasil. IN: Kaplan, C. V., Sarat, M., *Educação, subjetividade e diversidade: pesquisas no Brasil e na Argentina*. Londrina: UEL, pp. 321-336.
- » Alcântara, M. de L. Beldi de (2007). *Jovens indígenas e lugares de pertencimentos. Análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS*. São Paulo, USP.
- » Arakaki, S. (2008). *Dourados: memórias e representações de 1964*. Dourados, MS, Editora UEMS.
- » Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro, L T C Editora.
- » Brasil, MEC. Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, MEC, 1990.
- » Brasil, MEC. Lei nº. 12.852, de 5 de agosto de 2013 que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens da Presidência da República Federativa do Brasil.
- » Chartier, R. (2002). *A história cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa, Difel.
- » Cruz, C. I. Simões dos Santos. (2008). A desconstrução do Jornal. Uma análise metodológica para a desmontagem dos noticiários televisivos. VI Congresso Português de Sociologia, nº. 490, Jun.
- » Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. Universidade Estadual de Campinas – Brasil. *Horizonte Antropologia*. [online]. vol.16, n.34, pp. 49-70.
- » Elias, N. (2011). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Volume I. Trad. Da versão inglesa Ruy Jungmann. Revisão: Renato Janine Ribeiro. 2ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- » Elias, N., Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- » Elias, N. (2009). Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: Gebara, Ademir; Wouters, Cas (Orgs.). *O controle das emoções*. João Pessoa, Editora Universitária da UFPB. pp. 19-46.
- » Forachi, M. M. (1972). *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Pioneira.
- » Gressler, L. A., Swensson, L. J. (1988). *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Estado, L. A. Gressler.
- » Kaplan, Carina V.; Sarat, Magda. (Org.) (2014). *Educação, subjetividade e diversidade: pesquisas no Brasil e na Argentina*. Londrina, UEL.
- » Kaplan, C. V., Orce, V. (Coords.) (2009). *Poder, prácticas sociales y proceso civilizador: los usos de Norbert Elias*. Buenos Aires, Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico.
- » Kaplan, C. V., Krotsch, L., Orce, V. (2012). *Con ojos de joven: relaciones entre desigualdad, violencia y condicion estudiantil*. Buenos Aires, Editorial de la

Facultad de Filosofia y Letras Universidad de Buenos Aires.

- » Kuhlmann, M. Jr., Fernandes, R. (2004). Sobre a história da infância. IN: Faria Filho, Luciano Mendes de (Org.). *A Infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. São Paulo, Autêntica. pp. 15-33.
- » Lara, M. R. de. (2008). *Desafios metodológicos de pesquisa sobre jovens no Brasil contemporâneo*. Revista ponto-e-vírgula. São Paulo, n. 4, 217-230.
- » Marcondes Filho, C. (1985). *O capital da notícia: o jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo, Ática.
- » Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Revista Análise Social*. Lisboa, v. XXV, pp. 139-165.
- » Sá, N. P., Nolasco, S. R. (2013). Juventude, revitalização cultural e a temática das gerações. *Ecco-S – Revista Científica*. São Paulo, n. 31, p. 101-116, maio/ago.
- » Silva, M. P., Gilmar Yoshihara, F. (2010). Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *História em Reflexão. Revista Eletrônica de História*. Vol. 4. N. 8. Dourados – jul/dez.
- » Traquina, N. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.
- » Troquez, M. Coelho Castro. (2005). PPG-UFMS. Trabalho apresentado na ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina.
- » Zucchetti, D. T. (s/f). A produção de sentidos sobre jovens e juventudes. *Revista Digital – Buenos Aires – Ano 13 – Nº. 123 – agosto de 2008*. Disponível em: [<http://www.efdeportes.com>]
- » Wouters, C. (2012). Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 27, nº. 3 – Set./Out., pp. 546-570.

Elizabeth Velter Borges

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Magda Sarat

Docente e investigadora da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/Brasil.

